

Ludoterapia Centrada na Criança: perspectivas brasileiras

Child-Centered Play Therapy: Brazilian perspectives

Mayla Ferreira dos Santos Corrêa¹, Marcia Elena Botelho Soares², Ana Caroline
Oliveira Soares³, Carolina da Natividade Rodrigues Corrêa⁴

1. Discente da Faculdade de Psicologia da
Universidade Federal do Pará (UFPA).
E-mail: maylacorrea4@gmail.com

2. Doutora em Psicologia
Universidade Federal do Pará (UFPA).
E-mail: marciasoares@ufpa.br

3. Discente de Psicologia
Universidade Federal do Pará (UFPA).
E-mail: carolineoliveira2111@gmail.com

4. Discente de Psicologia
Universidade Federal do Pará (UFPA).
E-mail: natrodcar@gmail.com

Dossiê - Abordagem Centrada na Pessoa: Ciência e Profissão

Resumo:

A ludoterapia destaca-se como uma forma de psicoterapia voltada para crianças, que utiliza o ato de brincar como uma maneira de compreender e acessar o mundo interior da criança. O presente artigo busca investigar as produções científicas contemporâneas no Brasil. Abordando a prática da ludoterapia a partir da Abordagem Centralizada na Pessoa. Essa pesquisa se justifica pela necessidade de atualização e conhecimento acerca da prática, considerando também as novas possibilidades e perspectivas de avanço na área. O objetivo é realizar um levantamento de literatura que envolve a circulação de publicações científicas e acadêmicas contemporâneas sobre ludoterapia no território brasileiro. A metodologia é uma revisão integrativa que investigou a produção científica sobre ludoterapia no Brasil entre 2015 e 2024, analisando 6 artigos que destacam contribuições teóricas e metodológicas para a prática. Os resultados mostram uma abordagem predominantemente na clínica individual e revelam uma concentração geográfica de pesquisas no Nordeste do país. Por meio dessa pesquisa conclui-se que, embora a ludoterapia centrada na criança tenha avançado teoricamente, ainda há lacunas significativas na produção acadêmica, especialmente nas regiões menos representadas como a Amazônia, necessitando de mais estudos para abordar as particularidades locais e melhorar a prática terapêutica infantil centrado na pessoa.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa; Brasil; Ludoterapia; Psicoterapia infantil.

Abstract: Play therapy stands out as a form of psychotherapy aimed at children, which uses the act of playing as a way of understanding and accessing the child's inner world. This article seeks to investigate contemporary scientific productions in Brazil. Approaching the practice of play therapy from the Person-Centered Approach. This research is justified by the need

for updating and knowledge about the practice, also considering the new possibilities and perspectives for advancement in the area. The objective is to carry out a literature survey that involves the circulation of contemporary scientific and academic publications on play therapy in Brazilian territory. The methodology is an integrative review that investigated scientific production on play therapy in Brazil between 2015 and 2024, analyzing 6 articles that highlight theoretical and methodological contributions to the practice. The results show a predominantly individual clinical approach and reveal a geographic concentration of research in the Northeast of the country. Through this research it is concluded that, although child-centered play therapy has advanced theoretically, there are still significant gaps in academic production, especially in less represented regions such as the Amazon, requiring more studies to address local particularities and improve therapeutic practice. person-centered child care.

Keywords: Person-Centered Approach; Brazil; Child psychotherapy; Play therapy.

Introdução

A infância no Brasil é marcada por uma enorme diversidade cultural, étnica e social. As crianças brasileiras vivem em realidades muito distintas, desde crianças das comunidades quilombolas e indígenas, até aquelas que crescem nas periferias urbanas ou em áreas rurais isoladas. Essa diversidade é, em alguma medida, ignorada por discursos psicológicos tradicionais que buscam manter o status quo, que tendem a homogeneizar a infância, e que se mantêm aplicando os mesmos padrões de desenvolvimento para todas as crianças. Ao problematizar esses discursos, abre-se a possibilidade de reconhecer a pluralidade de experiências infantis no Brasil e de criar novas formas de compreender e valorizar as diferentes infâncias que coexistem na dinâmica sociocultural do país.

Tradicionalmente, a psicologia do desenvolvimento enxerga a infância como uma fase de transição, um estágio inicial rumo à maturidade adulta. Piaget (1994 [1932]) descreve a criança em termos de desenvolvimento cognitivo progressivo, onde ela passa por diferentes estágios até alcançar a

lógica adulta e a maturidade moral. Essa visão, no entanto, tem sido alvo de críticas.

Merleau-Ponty (2002; 2006) critica essa abordagem desenvolvimentista, destacando que ela trata a criança como um "sujeito incompleto e inacabado" que só alcança a sua plenitude ao chegar à vida adulta. Ele argumenta que, de acordo com essa perspectiva, a criança é reduzida a uma versão "inferior" do adulto, sendo que, o fato dos infantes terem a sua própria forma de ser e de interagir no e com o mundo é ignorado. Segundo o filósofo, a criança é ativa em suas relações com o ambiente, e sua existência deve ser compreendida como completa e significativa em si mesma, e não como um caminho para um estado futuro de completude.

Essa crítica é reforçada por Feijoo, Protasio e Gill (2015, p. 141) posto que a visão existencialista que sugere que tanto a criança quanto o adulto possuem uma relação constante e ativa com o mundo cultural e social em que vivem. Essa perspectiva recusa a ideia de que o desenvolvimento humano seja predeterminado por fatores biológicos, sociais ou psíquicos. Assim, a criança também "existe" em sua própria vida, moldando-se a partir de suas experiências.

Essa visão, que sustenta que tanto crianças quanto adultos têm uma relação contínua com o mundo ao seu redor, é essencial para compreender a infância no Brasil. Nesse sentido, a ideia de que as crianças são "sujeitos plenos", moldando-se de acordo com suas experiências, é particularmente importante no contexto brasileiro, onde as crianças muitas vezes enfrentam realidades adversas, como a pobreza, a violência urbana e o trabalho infantil. Essas crianças, assim como os adultos, não são produtos de um

desenvolvimento linear, mas seres em constante adaptação às complexas relações sociais e culturais que as cercam.

Autores como Betina Hillesheim e Neuza Maria de Fátima Guareschi (2007) apontam para uma crítica ao projeto da psicologia do desenvolvimento, que tende a transformar a infância em um objeto de classificação e normatização. Essa "infância sob medida" é validada de acordo com padrões psicométricos e habilidades, sendo a criança vista como incompleta ou "em formação", reforçando a visão de menoridade. Essa abordagem ignora a alteridade da criança e a reduz a uma escala comparativa com os adultos.

No Brasil, a crítica à ideia de que o desenvolvimento humano é linear e cumulativo também é essencial. Como observa Castro (1998), o desenvolvimento infantil frequentemente é visto como uma sequência rígida de etapas, em que a infância é meramente uma fase a ser superada. No contexto brasileiro, isso desconsidera as várias realidades sociais, culturais e econômicas que influenciam a infância no país. Crianças de diferentes regiões do Brasil, desde as grandes metrópoles até as comunidades ribeirinhas e indígenas, experimentam a infância de formas muito diversas, o que desafia a ideia de uma trajetória única e universal de desenvolvimento.

Essas reflexões sugerem que o discurso psicológico tradicional, ao criar normas de desenvolvimento infantil, também constrói uma concepção de infância ajustada e desejada, em contraste com uma infância indesejada ou patologizada. Isso abre espaço para uma problematização dos discursos da psicologia sobre a infância, sugerindo a necessidade de repensar as noções de normalidade e desenvolvimento em um contexto mais amplo, que valorize a diversidade das experiências infantis. Essas críticas apontam para uma compreensão mais plural e menos restritiva da infância, que reconhece

as crianças como sujeitos plenos e ativos, com formas de existência próprias, em vez de meros adultos em formação.

A ludoterapia também desafia o discurso tradicional da psicologia do desenvolvimento ao não impor normas de ajustamento ou desenvolvimento "desejados". Como apontam os críticos (quais), os discursos psicológicos muitas vezes constroem uma ideia de uma infância ideal, ajustada, enquanto rotulam outras formas de ser criança como "desajustadas" ou "patológicas".

Desenvolvida por Virginia Axline, a Ludoterapia Centrada na Criança baseia-se nos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa, proposta por Carl Rogers. Axline (1972) acredita que, ao permitir que a criança se expresse livremente por meio do brincar, o terapeuta possibilita que ela explore seus sentimentos, conflitos e medos, promovendo assim um processo de cura e autodescoberta. De acordo com Axline (1972), o terapeuta deve criar um ambiente de aceitação, de interesse genuíno, capacidade de ouvir a criança sem julgamentos.

Conforme Andrade e Bernardes (2023), o brincar vai além de uma simples atividade lúdica — é um meio essencial pelo qual a criança atinge a autoexpressão e a estabilidade emocional. Crianças de diferentes contextos socioeconômicos e culturais trazem para a terapia experiências de vida únicas, que o brincar ajuda a traduzir. O ludoterapeuta, conforme descrito por Axline, não assume uma posição autoritária, mas atua como um facilitador que respeita as experiências individuais da criança, reconhecendo o valor da diversidade de suas vivências.

A ênfase de Axline no brincar como meio de expressão é fundamental para a compreensão de como as crianças no Brasil — particularmente aquelas que vivem em condições adversas — podem encontrar alívio e suporte emocional. O brincar, na ludoterapia, permite que a criança expresse

suas ansiedades, medos e desejos de uma maneira que transcende as limitações da linguagem verbal, o que é particularmente relevante em um contexto onde as crianças podem não ter os recursos emocionais ou verbais para articular suas experiências traumáticas ou desafiadoras.

Na ludoterapia, a individualidade da criança é respeitada, e não há expectativa de que ela siga um padrão de comportamento ou desenvolvimento pré-estabelecido. Esse princípio permite uma compreensão mais rica e diversificada da infância, especialmente em um país com tantas desigualdades e realidades culturais como o Brasil.

Ao reconhecer a criança como um sujeito pleno e autônomo, a ludoterapia permite que as crianças brasileiras, com todas as suas diversidades e realidades sociais, tenham um espaço de aceitação e cura. Essa abordagem se opõe às visões normativas e linearizadas de desenvolvimento, e oferece uma alternativa que valoriza a individualidade, a cultura e a experiência única de cada criança. Desse modo, a ludoterapia se configura como uma abordagem terapêutica com relevância social, especialmente no tratamento de crianças que enfrentam dificuldades emocionais/comportamentais ou que são marginalizadas.

Diante do exposto, a proposta da pesquisa é investigar como artigos científicos contemporâneos estão abordando a prática da ludoterapia centrada na criança a partir da Abordagem Centrada na Pessoa. Essa questão é indispensável para atualizar as práticas ludoterápicas no Brasil. Embora a ludoterapia seja amplamente reconhecida pelo mundo afora, no Brasil ainda é desconhecido a sua prática no que se refere ao aspecto academicista brasileiro no cenário atual.

Em vista disso, o objetivo geral desta revisão integrativa é realizar um levantamento da literatura visando a circulação de publicações científicas e

acadêmicas contemporâneas sobre ludoterapia no território brasileiro. A base nos princípios de Virginia Axline e Carl Rogers é evidente, porém, diante da experiência desses autores, de realidades culturais e socioeconômicas diferentes, se torna relevante investigar como a ludoterapia centrada na criança está sendo reinterpretada e adaptada às necessidades da infância brasileira nos dias de hoje. Portanto, a justificativa da pesquisa se dá pela necessidade de investigar as possíveis lacunas na literatura e oferecer subsídios teóricos e práticos que embasam a adaptação dessa abordagem nos contextos atuais brasileiros, principalmente da região das amazônias.

Método

Trata-se de uma metodologia de pesquisa bibliográfica que possui duas características: o levantamento de produções sistematicamente avaliadas para construção de um *corpus* de pesquisa e a análise das características teóricas, metodológicas e empíricas que permitam uma definição de uma comunidade científica articulada por um objeto comum (Soares, *et al.*, 2014). Para a construção da presente pesquisa, nos inspiramos nos delineamentos do protocolo PRISMA - Principais Itens para Relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises (Sampaio & Mancini, 2007). Como estratégia de busca, escolhemos como base de dados a Plataforma de Periódico Capes e SciELO, por seus alcances de recuperação em bancos de dados nacionais e internacionais. Trabalhamos com o acesso CAFE (Comunidade Acadêmica Federada) pela liberação a estudos restritos à consulta pública.

Para fins de elegibilidade, adotamos como critérios de inclusão publicações do tipo artigo científico, que tenham sido avaliadas por pares e em língua portuguesa e de publicação recente relativa aos últimos 10 anos,

de 2015 a 2024. Por conseguinte, como critério de exclusão não foram consideradas para este estudo publicações de outro formato de circulação, tais como dissertações, teses e livros; textos não publicados em língua portuguesa também não foram incluídos. No processo de coleta dos dados, dois revisores trabalharam de forma independente, adotando os seguintes descritores: “ludoterapia”, “ludoterapia” and “abordagem centrada na pessoa”, “ludoterapia” and “psicoterapia infantil”, “psicoterapia infantil” and “abordagem centrada na pessoa”, os dados obtidos pelos revisores foram agrupados em planilhas do Excel, discriminando títulos, autores, periódicos, ano de publicação e região de produção. Ao todo, obtivemos 32 publicações. Com a exclusão dos duplicados, ficaram 17 trabalhos.

Para a seleção final dos dados a compor o *corpus* e buscando diminuir o viés da pesquisa, dois juízes distintos dos revisores e independentes entre si avaliaram títulos, resumos, palavras-chave e referências bibliográficas por quatro questões: 1. *É um artigo?* Essa pergunta avaliativa foi usada para confirmar a modalidade de publicação escolhida como objeto de estudo para a presente pesquisa; 2. *Discute ACP, Ludoterapia e/ou Psicologia humanista?* Essa segunda pergunta avaliativa foi adotada para confirmar se o referencial teórico do artigo se situava dentro da ACP e/ou na prática da psicologia humanista; 3. *Estão relacionados com a Psicoterapia Infantil em contexto brasileiro?* Tal pergunta avaliativa foi adotada para delimitar a territorialidade do estudo; 4. *Usa Carl Rogers e/ou Virgínia Axline como referência bibliográfica?* Essa última pergunta avaliativa foi incluída por entendermos que as produções científicas poderiam referenciar seus estudos e discussões não exclusivamente na ACP e mesmo assim adotar os referidos autores como pontos de problematização e contribuição. Por fim, os artigos que tiveram ao

menos uma resposta negativa às perguntas avaliativas foram excluídos. Permanecendo 6 trabalhos que compõem o *corpus* dessa pesquisa.

Estabelecido o *corpus*, os 6 artigos foram lidos na íntegra, fixados em um documento e depois tabulados em uma planilha. No documento foram colocados os dados principais do texto e também sínteses dos principais conceitos abordados. Foram respondidas perguntas, descritas a seguir: *Com quais questões e problemas a ACP/LUDOTERAPIA é articulada para a construção deste artigo? Quais as estratégias metodológicas para construção do presente estudo? Quais as principais contribuições para o avanço da Ludoterapia?*

A partir dos dados coletados dos artigos, foi possível dividi-los a fim de organizá-los conforme as categorias: dados de publicação (títulos, autores, revista, ano, região e palavras-chave), como mostra o quadro 1, e dados metodológicos (tipo de produção, coleta e análise de dados, estratégias metodológicas e contribuições para a ludoterapia). A análise de 6 artigos revelou que 2 deles possuem duas autoras em comum. Em relação ao ano de publicação, o artigo mais antigo foi publicado em 2019, e o mais recente em 2023. Tendo como predominante em publicação a região Nordeste do Brasil, seguida da região Centro-Oeste. As palavras-chave encontradas associavam-se à Ludoterapia ou Psicoterapia infantil, com perspectivas na Abordagem Centrada na Pessoa, Fenomenologia, Psicologia Humanista-fenomenológica e Pensamento de Emmanuel Levinas.

Quadro 1. Relação de artigos em Ludoterapia Centrada na Criança em contextos 2015-2024.

Relação de artigos em Ludoterapia no contexto brasileiro 2015-2024				
TÍTULO	AUTORES	REVISTA/ANO	REGIÃO	PALAVRAS-CHAVE
Texto 1 - Ludoterapia e alteridade: uma experiência de ludoterapia grupal à luz de Lévinas.	Alice Vasconcelos; Sandra Souza	Psicologia em Estudo, 2022	Nordeste	Ludoterapia; Emmanuel Lévinas; alteridade.
Texto 2 - Da Ludoterapia Não-diretiva à Ludoterapia Centrada na Pessoa - Desenvolvimento histórico	Rosa Angela Cortez de Brito, José Célio Freire, Lucas Guimarães Bloc e Virginia de Saboia Moreira Cavalcanti	Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica, 2021	Nordeste	Ludoterapia Centrada na Criança
Texto 3 - O Infinito Infantil: caminhos de alteridade na ludoterapia de axline	Alice Vasconcelos; Sandra Souza	Teoria e pesquisa, 2022	Nordeste	Ludoterapia, alteridade, Emmanuel Lévinas, terapia centrada na pessoa
Texto 4 - A experiência intersubjetiva na ludoterapia humanista sob uma perspectiva fenomenológica	Mharianni Ciarlini de Souza Bezerra; Vera Engler Cury.	Psicologia: Ciência e Profissão, v. 43, 2023	Centro-Oeste	Psicologia Clínica, Ludoterapia, Fenomenologia, Intersubjetividade
Texto 5 - Linguagem e relação com os outros: contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicoterapia infantil	Rosa Angela Cortez de Brito, Willyan da Costa Mota, Lucas Bloc, Virginia Moreira	Psicologia USP, 2021	Nordeste	Linguagem, intersubjetividade, fenomenologia, psicoterapia humanista-fenomenológica, ludoterapia.
Texto 6 - O Processo Ludoterapêutico na Perspectiva Fenomenológico-Existencial das Crianças	Munique Therense Costa de Moraes Pontes	Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, 2019	Nordeste	Ludoterapia; infância; Fenomenologia

Fonte: dados da pesquisa.

Resultados e Discussões

Conforme a análise dos achados ao examinar os 6 artigos que discutem a ludoterapia centrada na criança, no contexto da abordagem centrada na pessoa ou da psicologia humanista como critérios de análise, verificou-se que cada uma das publicações segue uma estratégia de análise específica para abordar o seu recorte analisado. São três artigos teóricos, dois estudos de caso e um estudo exploratório.

O texto 1, de Vasconcelos e Souza (2022), seguindo o modelo de estudo de caso, seguindo as Versões de Sentido descritas de forma dissertativa, a compreensão dos dados para a interpretação e análise seguiu-se de modo a analisar a experiência de acordo como ela foi vivida, atribuindo-lhes significados.

No texto 2, Brito et al. (2021), por meio de uma análise teórica apresenta uma evolução da Ludoterapia e discute os modelos e perspectivas desenvolvidas por diferentes autores ao longo do tempo, destacando a importância da relação entre o terapeuta e a criança, a ênfase na expressividade e na clarificação dos sentimentos de cada infante, bem como na participação dos pais efetiva durante o tratamento da criança.

No texto 3, de Vasconcelos e Souza (2022) não está especificada uma metodologia específica, mas ao longo do texto está voltado para a reflexão da ética no contexto da ludoterapia de Axline, correlacionando com o pensamento filosófico de Emmanuel Levinas focado no conceito de alteridade para o autor, questionando a ética no que diz respeito a ética da alteridade radical.

Vasconcelos e Souza (2022), tanto no texto 1 quanto no texto 3 defendem a filosofia levinasiana como um fator em potencial para contribuir

mediante a responsabilidade singular do terapeuta em relação às crianças apresentadas como seres infinitos e singulares, em um movimento de abertura com relação ao outro.

No texto 4, de Bezerra e Cury (2023), por meio da análise dos registros realizados em Narrativas Compreensiva qualitativa, os dados foram analisados levando em consideração a experiência e a intersubjetividade presentes na ludoterapia humanista, o que é um aspecto em comum com a perspectiva de compreender como a relação terapêutica, a expressão das emoções, a criatividade e a resiliência potencializam o processo terapêutico de cada criança. A fim de que superem dificuldades emocionais e desenvolvam habilidades interpessoais sem a necessidade de se tornar um “mini-adulto”.

No texto 5, Brito et al. (2021) discute a relevância da fenomenologia, do ponto de vista do filósofo francês Merleau-Ponty, na psicoterapia infantil, com foco na noção de linguagem dentro da relação com os outros. Nesse contexto, os autores destacam a importância de criticar pré-concepções acerca da infância, bem como de como os adultos fazem uma perspectiva representacional acerca das crianças. Os autores destacam a importância de pesquisas teóricas e empíricas para contribuir com pensamento fenomenológico a fim de fortalecer a potencialidade da teoria no contexto da prática clínica infantil.

No texto 6, de Therese (2019), o foco foi na compreensão dos significados a partir de narrativas dos atendimentos de crianças em acompanhamento psicoterápico, sendo essa compreensão realizada com base humanista ou fenomenológica-existencial. Foi analisado o processo psicoterapêutico na perspectiva das crianças, a figura do psicoterapeuta na

perspectiva das mesmas, e as percepções que as crianças tinham em relação à sua responsabilidade no processo psicoterapêutico.

De acordo com Vasconcelos e Souza (2022), na perspectiva do estudo de caso, focam na abordagem das versões de sentido e exploram as experiências das crianças que atribuem significados para além das pré-concepções de infância, o que complementa o texto de Bezerra e Cury (2023) a medida que valoriza a experiência e a intersubjetividade e destaca a relação terapêutica como fundamental para o desenvolvimento da expressão emocional das crianças. Bem como, os dois textos ressaltam a importância de uma conexão profunda entre terapeuta e criança, o que pode promover um ambiente que favorece a criatividade e a resiliência.

Brito et al. (2021) por meio de uma visão histórica e em uma perspectiva mais teórica da ludoterapia, mapeia a evolução dos modelos terapêuticos e enfatiza o papel dos pais no processo. Nas críticas às pré-concepções acerca da infância, os autores ressaltam a fenomenologia de Merleau-Ponty no que corresponde a desafiar as representações adultocêntricas de infância e que corrobora para a prática clínica no sentido de abrir espaço para a autenticidade das experiências infantis.

Relacionando a proposta de Vasconcelos e Souza (2022) em relação à teoria de Axline e o pensamento levinasiano sobre alteridade, com a perspectiva de Therese (2019) corrobora com a possibilidade da ética da alteridade no que diz respeito à postura do terapeuta de enxergar a criança como um ser único e infinito, responsabilizando-se no contexto dessa relação de cuidado, bem como na perspectiva da criança acerca de sua autopercepção sobre a própria responsabilidade juntamente ao terapeuta no decorrer do processo e da relação terapêutica.

Considerações Finais

A Abordagem Centrada na Pessoa, no cenário brasileiro, tem se desenvolvido a partir da reconstrução, principalmente na perspectiva fenomenológico-existencial e se mostra propícia a dar visibilidade para a construção sócio-cultural da infância e seus modos de produzir subjetividade.

Apesar disso, nos interpelamos: a criança é um ser de direitos, mas na atualidade ela está sendo desvalorizada. No Brasil, é preciso superar muitos desafios para se ter um ambiente seguro e saudável. Estudos na linha da ludoterapia são necessários para melhor qualificar os profissionais de Psicologia no cuidado com a criança em exclusão social, vítimas de violências e em processo de patologização e medicalização.

A pesquisa situou como as atuais demandas que inquietam os profissionais de ludoterapia são de afirmar a confiança na autodeterminação e protagonismo da criança no processo de psicoterapia. Teorias e métodos fenomenológicos se apresentam como inovações na pesquisa ludoterápica brasileira. Os pesquisadores destacam o quanto cabe à Ludoterapia Centrada na Criança estar atenta aos novos mecanismos de captura da infância, que ganham contornos mais plurais e de difícil identificação numa sociedade de muitos estímulos e cobranças. O fazer ludoterápico ainda se encontra norteado por panoramas pouco contextuais com a realidade onde se insere, ao menos ao nível de literatura. Nesse sentido, o presente estudo carece de mais territorialidade, tendo em vista que o Brasil apresenta questões históricas, sociais, econômicas, políticas e culturais diferentes de outros cenários mundiais.

Conclui-se que a ludoterapia centrada na criança no Brasil ainda possui poucas produções acadêmicas, especialmente nas demais regiões do país. Nota-se uma lacuna significativa na região da Amazônia, onde há pouca inserção e visibilidade da ludoterapia. Esse contexto específico demanda mais pesquisas futuras visando compreender e atender melhor a realidade local relacionado a psicoterapia infantil centrada na criança.

Referências

ANDRADE, M. L. R.; BERNARDES, M. S. B. A dinâmica do atendimento com crianças. In: PEREIRA, Carolina Sette (org.). **Ludoterapia centrada na criança: saberes e fazeres contemporâneos**. Rio de Janeiro: Matilha, 2023, p. 85-111.

AXLINE, V. M. **Ludoterapia: a dinâmica interior da criança**. Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

BEZERRA, M. C. S.; CURY, V. E. A experiência Intersubjetiva na Ludoterapia Humanista sob uma Perspectiva Fenomenológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**. São Paulo, v. 43, 2023.

BRITO, R. A. C. et al. Da ludoterapia não-diretiva à ludoterapia centrada na criança-desenvolvimento histórico. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 27, n. 2, 2021, p. 213-226.

BRITO, R. A. C. et al. Linguagem e relação com os outros: contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicoterapia infantil. **Psicologia USP**, v. 32, 2021, p.1-9.

CASTRO, L. R. Uma teoria da infância na contemporaneidade. In: CASTRO, L. R. Infância e Adolescência na Cultura de Consumo. Rio de Janeiro: NAU, 1998, p. 16-43.

FEIJOO, A. M. L. C.; PROTÁSIO, M. M.; GILL, D. Considerações sobre o desenvolvimento infantil em uma perspectiva existencial. In: A. M. L. C. FEIJOO; FEIJOO, E. L. (Orgs.), **Ser Criança: uma compreensão existencial da experiência infantil**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2015, p. 115-164.

HILLESHEIM, B.; GUARESCHI, N. M. F. De que infância nos fala a psicologia do desenvolvimento? Algumas reflexões. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 25, 2007, p. 75-92.

MERLEAU-PONTY, M. **Palestras**. Lisboa: edições 70, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Psicologia e Pedagogia da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994. Publicação original de 1932.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para a síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, n. 1, 2007, p. 83-89.

SOARES, C. B. et al. Integrative Review: Concepts And Methods Used In Nursing. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 2, 2014, p. 335-345.

THERESE, M. O processo ludoterapêutico na perspectiva fenomenológico-existencial das crianças em atendimento clínico. **Phenomenological Studies: Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 25, 2019, p. 15-25.

VASCONCELOS, A.; SOUZA, S. Ludoterapia e Alteridade: uma experiência de ludoterapia grupal à luz de Lévinas. **Psicologia em Estudo**. João Pessoa: v. 27, 2022, p. 1-15.

VASCONCELLOS, A. SOUZA, S. O Infinito Infantil: caminhos de alteridade na ludoterapia de Axline. **Psicologia Clínica e Cultura**. João Pessoa: v. 38, 2022, p. 1-10.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesse

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: MEBS, MSR, MFSG, ACOS, CNRC

Redação do manuscrito original: MEBS, MSR, MFSG, ACOS, CNRC

Curadoria de dados: MEBS, MSR, MFSG, ACOS

Análise de dados: MEBS, MSR, MFSG, ACOS, CNRC

Redação textual: MEBS, MSR, MFSG, ACOS, CNRC

Supervisão: MEBS

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica.
